

Sinpro Informa

Suicídio



SUICÍDIO

O que é?

O suicídio configura-se como morte intencional autoinfligida, isto é, quando a pessoa decide tirar sua própria vida.

É um problema de saúde pública e um fenômeno multicausal, ou seja, não tem uma única causa definida, mas é influenciado por uma combinação de fatores, como transtornos mentais e questões socioculturais, genéticas, psicodinâmicas, filosófico-existenciais e ambientais.

O suicídio não é um fenômeno recente, mas os números têm impactado, fortemente, os órgãos internacionais de saúde. No mundo, as notificações apontam para um suicídio a cada 40 segundos. No Brasil, a cada 46 minutos uma pessoa tira a própria vida. Uma realidade devastadora quando se identifica o perfil das vítimas brasileiras: a maioria é homem, negro, com idade entre 10 e 29 anos, segundo dados do Ministério da Saúde (MS) avaliados nos últimos 4 anos e divulgados numa pesquisa de 2019. (Acessível por este link: <http://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-caoa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos>).

No Brasil, cerca de 10 mil pessoas tiram a própria vida por ano. No mundo, são cerca de 800 mil de suicídios anuais. O Brasil só perde para os EUA. Com isso, o suicídio tornou-se uma pauta global nos últimos anos. A data escolhida para a lembrança e reflexão acerca dessa doença mundial foi o dia 10 de setembro. Assim, desde 2003, essa data passou a marcar o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, momento em que nos lembramos ainda mais das causas desse problema de saúde. A data remete ao falecimento do jovem Mike Emme, que morreu por suicídio, em 1994, dentro do seu Mustang amarelo. No funeral, amigos e familiares distribuíram cartões e fitas amarelas, inspirando a adoção da cor para a campanha.

Hoje, no mundo inteiro, falamos no Setembro Amarelo. No Brasil, a campanha Setembro Amarelo foi iniciada, em 2015, e difundida por entidades como o Centro de Valorização da Vida (CVV), a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM). É um tema que não podemos deixar de abraçar.

Suicídios e transtornos mentais

Estudos científicos divulgam índices que apontam para o fato de que mais de 90% dos pacientes que se suicidaram havia uma doença mental relacionada. Os transtornos mentais mais comumente associados ao comportamento suicida são: depressão, transtorno de humor bipolar, dependência de álcool e de outras drogas psicoativas, esquizofrenia e certos transtornos de personalidade. A coexistência dessas condições agrava a situação de risco.

Principalmente entre os jovens, cerca de 90% dos casos de suicídio identificados estavam relacionados a transtornos mentais. Em primeiro lugar, está a depressão; em segundo, o transtorno bipolar; em terceiro, o abuso de drogas. Também são fatores de risco para o suicídio outras situações, como desemprego, sensações de vergonha, desonra, desilusões amorosas, além de antecedentes de doenças mentais.

Mas a notícia mais impactante é a da Organização Mundial de Saúde (OMS). A OMS afirma que há prevenção em 90% dos casos de suicídio. No Brasil, as unidades federativas devem estar alinhadas à Lei nº 10.216/2001, que dispõe sobre a proteção das pessoas com transtorno mental e estimula a permanência do doente mental em casa, recebendo tratamento nos Centros de Atenção Psicossocial (CAP).

Os transtornos mentais são determinados por dinâmicas sociais relacionados à vida pública. Com a biologização (modelo que trata o ser humano como algo estritamente biológico, desconsiderando outros aspectos) da psiquiatria, o sofrimento psíquico é equalizado com um déficit biológico desvinculado do entorno social. Assim, esse desarranjo orgânico é visto como objeto de correção objetiva sem maiores compromissos políticos. O neoliberalismo e a sua lógica de produção de tamponamentos (obstrução; vedação) para as fragilidades, inconsistências e precariedades humanas vão normatizando e normalizando o sujeito num modelo ideal.

Isso afeta negativamente qualquer tratamento porque, com essa lógica capitalista neoliberal, construída para omitir os aspectos

econômicos, políticos e sociais causadores de várias doenças, incluindo aí as que levam ao suicídio, a psicologia, a psiquiatria e os demais ramos de estudos e atendimentos à saúde mental já não buscam mais compreender pessoas inteiras em seus contextos sociais. Ao contrário, estão aí para realinhar os neurotransmissores dos pacientes. Exclui-se a possibilidade de pensar a dimensão social como campo produtor de patologias psíquicas.

Outro fato preocupante é que, a cada dia, mais pessoas adoecem pelas frustrações ocasionadas por ambientes tóxicos de trabalho e isso contamina até mesmo sua vontade de viver.

Assim, é importante desmitificar preconceitos e abrir espaços de fala para que as pessoas não se refugiem no silêncio sem força para reagir. O suicídio é uma solução definitiva para um problema passageiro. Condutas de ajuda mútua e solidariedade no local de trabalho podem salvar vidas.

Atenção

Os principais fatores de risco para o suicídio são história de tentativa de suicídio e transtorno mental. O uso de drogas, principalmente do álcool, aumenta a impulsividade e, com isso, o risco de suicídio.

Fundamentação legal

Induzir, instigar ou auxiliar o suicídio ou a automutilação é crime previsto no artigo 122, do Código Penal.

O crime tem pena entre 6 meses até 6 anos, podendo ser aumentada em até o dobro se a conduta ocorrer por meio de rede de computadores, rede social ou transmitida em tempo real.

A pena vai depender se o crime for praticado contra menores de 14 anos, menor de idade, se a vítima não tiver discernimento do ato, se a vítima tiver menor capacidade de resistência, se a vítima for deficiente mental, entre outros.

O crime que resulte em lesão corporal ou lesão corporal seguido de morte, o agente também responderá pelos crimes de lesões corporais, podendo ser condenado em pena de 1 até 12 anos de reclusão.

Suicídio e trabalho

O resto é silêncio. Palavras finais que termina a peça Hamlet, de Shakespeare, dita pelo próprio personagem Hamlet, à beira da morte, que remetem a uma resignada e melancólica compreensão da finitude. Palavras que, ditas com a lucidez do desconforto da alma dos que estão para morrer, como escreveu Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, no poema Tabacaria, antecipam a ausência de sons e movimentos que ficarão submersos no silêncio.

Os suicídios e as tentativas de suicídio no local de trabalho apareceram na maioria dos países ocidentais nos anos de 1990.

Foi por muito tempo um silêncio. O problema passou a ser divulgado no espaço público, mas o sofrimento ainda é visto por muitos como falha ou vulnerabilidade individual. Na lógica neoliberal, em que a performance é sinal de sucesso e constantes notícias nas redes sociais, salientam o vitorioso como o que desempenha mais e mais depressa, um corpo máquina, objetificado. Em troca da autossuperação do sujeito, a promessa de felicidade e sucesso. Esse modelo coloca o sujeito na mesma lógica da mercadoria. Os indivíduos comparam e hierarquizam, constantemente, coisas e pessoas, sendo eles mesmos passíveis de (des)classificação a todo momento. Um dos maiores exemplos disso é a adoção da meritocracia nos locais de trabalho, bem como de uma avaliação de desempenho desumana, com visão capitalista e cobranças indevidas de objetivos inalcançáveis.

Sob essa perspectiva quem sente dor emocional é visto como quem tem um temperamento depressivo ou psicopatológico, sendo motivo de chacota, exclusão e zombaria. Mas o que é esquecido é que essa subjetividade, ilusoriamente inflada, provoca, inevitavelmente, o momento de seu absoluto esvaziamento, frustração, angústia associada ao fracasso e autoculpabilização. Atualmente, a patologia típica nesse contexto é a depressão. Ou seja, precisamos saber-nos limitados e finitos e conviver com essa verdade insuportável.

É preciso refletir nos espaços coletivos que as práticas e a enganação da lógica do cada um por si promove a morte de todos(as).

Um suicídio no trabalho, o sofrimento demonstrado por atestados médicos prolongados, por exemplo, são denúncias de que as relações estão deterioradas, um problema que afeta toda a comunidade de trabalho, uma profunda degradação do tecido humano e social do trabalho.

É preciso ficar atento(a) aos sinais, aquilo que a pessoa fala ou faz que indique desejo de morrer, ou seja, fique atento(a) às frases de alerta:

Uma conversa calma e sem julgamento é fundamental.

Não deixe a palavra ficar submersa no silêncio!



Deve-se ficar atento(a) aos sinais que indicam que determinada pessoa tem risco para o comportamento suicida:

1. Comportamento retraído, dificuldade de relacionamento pessoal.
2. Doença psiquiátrica.
3. Alcoolismo.
4. Ansiedade ou pânico.
5. Mudança na personalidade, irritabilidade, pessimismo, depressão ou apatia.
6. Mudança no hábito alimentar e de sono.
7. Tentativa de suicídio anterior.
8. Odiar-se, sentimento de culpa, de sentir-se sem valor ou com vergonha.
9. Uma perda recente importante – morte, divórcio, separação, etc.
10. História familiar de suicídio.

O que não fazer!

- Ignorar a situação.
- Ficar chocado ou envergonhado e em pânico.
- Falar que tudo vai ficar bem, sem agir para que isso aconteça.
- Desafiar a pessoa a cometer o suicídio.
- Fazer o problema parecer sem importância.
- Dar falsas garantias.
- Jurar segredo.
- Deixar a pessoa sozinha.
- Comparações com outros casos (ex.: fulano está pior do que você e não se matou).

Fatores desencadeadores no ambiente laboral

- Distorção comunicacional, com críticas pejorativas, império do silêncio. Não deixa o conflito aparecer.
- Injustiças, cada um por si, sobrecarga de trabalho.
- Ignora o chão da escola, segue o prescrito (normas e regras).
- Coloca na geladeira os “inimigos”.

- Ignora a precarização das condições de trabalho oferecidas.
- Gestores autoritários, que promovem equipes infantilizadas e dependentes.
- Opta por métodos exclusivamente quantitativos de avaliação, promovendo a competição entre os pares.
- Relações superficiais e insatisfatórias.
- Legisla e administra o que não vai bem em segredo.
- Qualidade total.
- Autopromoções e imagens de vitória para encobrir o conflito.

Esses sinais promovem a solidão. Um colega afoga-se e ninguém estende a mão. Ou seja, a intensa degradação do viver junto em coletividade.

Quando um(a) trabalhador(a) se suicida por questões relacionadas ao trabalho é toda a comunidade de trabalho que está sofrendo.

Encobrir e escamotear o sofrimento são maneiras de promover a apatia e o silêncio. Uma forma de produzir sintomas, uma dissimulação sob a máscara de transtornos médicos somáticos para camuflar a natureza psíquica: transtornos de equilíbrio, cefaleia, nevralgias crônicas, parestesias, esgotamento para denunciar a dor emocional.

A ausência de reação coletiva diante do mal-estar não pode ser neutra, nem banalizada. Seus impactos são revelados no cotidiano. Sentimentos de impotência, resignação, medo não possibilitam pensar novos percursos. Aumenta a angústia no grupo, significando que nada se fará para elucidar tantas mensagens de que algo não vai bem.

Reconstruindo laços sociais

“Trabalhar não é apenas produzir, mas é,
também, produzir-se a si mesmo”

Dejours

Hannah Arendt (1996) escreveu que a banalização do mal é decorrente dos processos de negação e racionalização de pensamentos e sentimentos.

O sofrimento não é patológico em si. Ocorre na maioria das relações de trabalho e é integrante do processo de construção de identidade. O problema se agrava quando isso é negado, omitido. A palavra não pode ser pronunciada e a experiência do sofrer é vista como um mal(dito) na organização do trabalho. Não poder falar nutre fantasias de onipotência e uma forte crença em seu direito de explorar os(as) outros(as) e ser gratificado(as).

Nesse sentido, faz-se necessário buscar a expressão do vivenciado e a expressão em palavras, uma forma de elaborar e de reelaborar a experiência do trabalho.

Desvelar o silêncio implica discutir as formas de expressão de subjetividade, de instauração de um trabalho com sentido, de ação criadora que subverte o já instituído e permite a manifestação dos conhecimentos, habilidades e talentos das pessoas, indispensáveis para a reinvenção permanente da vida no trabalho.

Deliberando...

- Análise e avaliação da cooperação: como o coletivo remaneja ordens e prescrições?
- Aprendemos o percurso questionando coletivamente, nomeando, analisando, aceitando os diferentes pontos de vista, evitando coagir o outro.
- Não ser vítima do padecer exige desejo de participar e de moldar a história.
- Entender que o outro é o outro e não será quem desejamos que ele seja.
- Debates sinceros proporcionam avanços no viver junto!

Inicialmente, tudo é novo e assombra. Não se tornar um prisioneiro do cotidiano e ter a morte em vida podem ser desafiantes para não nos escondermos detrás do trabalho, do título, do status, da exemplaridade, da terapia, do dinheiro, da rebeldia, do sucesso ou do

poder. É poder ser mais leve e compreender o eu a partir de situações concretas da vida, vinculando-se a laços sociais e às relações interpessoais nas quais está inserto(a). Não teremos nenhuma janela direta para a realidade, interagindo sozinhos(as) com ela de computador, encontrando apenas simulacros virtuais, morte em vida.

Juntos(as) é possível parar de gritar silenciosamente, despejando nossas gargantas e produzindo sintomas. O êxito sem os(as) outros(as) ou em solidão é uma morte sedutora.

Busque serviço especializado!

SAMU
192

**Procurar o hospital
de referência de
sua região ou uma
Unidade de Pronto
Atendimento (UPA)**

Internações

Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), Hospital de Base de Brasília (HBB), Hospital Universitário de Brasília (HUB) ou Hospital da Criança de Brasília (HCB).

Diretoria Colegiada do Sinpro–DF – Gestão 2019 – 2022

Secretaria de Administração e Patrimônio

Gilza Lúcia Camilo Ricardo – Coordenadora
Leilane Costa Santos
Presilina Spindola de Ataídes

Secretaria de Assuntos dos Aposentados

Silvia Canabrava de O. Paula – Coordenadora
Consuelita Oliveira do N. de Carvalho
Maria Elineide Rodrigues da Cruz

Secretaria de Assuntos Culturais

Eliceuda Silva de França – Coordenadora
Fátima de Almeida Moraes
Sebastião Honório dos Reis

Secretaria de Assuntos Jurídicos, Trabalhistas e Estudos Socioeconômicos

Dimas da Rocha Santos – Coordenador
Bernardo Fernandes Távora
Melquisedek Aguiar Garcia

Secretaria para Assuntos e Políticas para Mulheres Educadoras

Vilmara Pereira do Carmo – Coordenadora
Mônica Caldeira Schimidt
Ruth Oliveira Tavares Brochado

Secretaria de Finanças

Rosilene Corrêa Lima – Coordenadora
Fernando Ferreira dos Reis
Luciano Matos de Souza

Secretaria de Formação Sindical

Luciana Custódio de Castro – Coordenadora
Jairo Mendonça
Magnete Barbosa Guimarães (Meg)

Secretaria de Imprensa e Divulgação

Leticia Vieira Montandon Bento – Coordenadora
Cleber Ribeiro Soares
Samuel Fernandes da Silva

Secretaria para Assuntos de Raça e Sexualidade

Márcia Gilda Moreira Cosme – Coordenadora
Ana Cristina de Souza Machado
Cláudio Antunes Correia

Secretaria para Assuntos de Saúde do Trabalhador

Élbia Pires de Almeida – Coordenadora
Thais Romanelli Leite
Valesca Rodrigues Leão

Secretaria de Organização e Informática

Júlio Barros – Coordenador
Raimundo José de Albuquerque Filho – Kamir
Vanilce Cristina Vieira Diniz

Secretaria de Política Educacional

Berenice Darc Jacinto – Coordenadora
Anderson de Oliveira Corrêa
Carlos de Souza Maciel

Secretaria de Políticas Sociais

Hamilton da Silva Caiana – Coordenador
Carolina Moniz Freire Rodrigues
Alberto de Oliveira Ribeiro

CONSELHO FISCAL

Enóquio Sousa Rocha
Francisco Clayton Marques da Costa
Jailson Pereira Sousa
Marizeth Ferreira Albernaz
Raimunda Ferreira Chagas

Expediente

Site: www.sinprodf.org.br

E-mail: imprensa@sinprodf.org.br

Secretaria de Imprensa e Divulgação:

Leticia Montandon – Coordenadora
Cleber Ribeiro Soares
Samuel Fernandes

Edição e redação:

Resende Mori Fontes Advocacia e Luciane Kozicz

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Samuel de Paula

Revisão:

Carla Lisboa

Secretaria para Assuntos de Saúde do Trabalhador

Élbia Pires de Almeida – Coordenadora
Thais Romanelli Leite
Valesca Rodrigues Leão

Distribuição gratuita.

Permitida a reprodução desde que citada a fonte.



SINDICATO DOS PROFESSORES
NO DISTRITO FEDERAL

Não se pode falar de
educação sem amor!